

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

**JOGOS TEATRAIS: UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA AS ARTES
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

RUTH GOMES DE BRITO

Orientadora: Profa. Ma. Rosimeire Gonçalves dos Santos

Cruzeiro do Sul - AC

Novembro de 2012

RUTH GOMES DE BRITO

**JOGOS TEATRAIS: UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA AS ARTES
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso em Artes Cênicas, habilitação em Licenciatura, no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Profa. Ma. Rosimeire Gonçalves dos santos.

Cruzeiro do Sul-Acre.

2012.

RUTH GOMES DE BRITO

**JOGOS TEATRAIS: UM PROCEDIMENTO METODOLÓGICO PARA AS ARTES
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Rosimeire Gonçalves dos Santos.

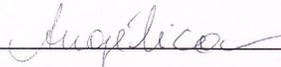
Cruzeiro do Sul-AC, 06 de dezembro de 2012.



Professora Mestre Rosimeire Gonçalves dos Santos



Professor Doutor César Lignelli



Professora Mestre Angelica Beatriz Souza e Silva

“Muito além do simples emprego, enquanto instrumento didático visando à aprendizagem de outra disciplina, as práticas teatrais na escola apresentam inegável interesse em si mesmas. Propiciam, através do imaginário em ação, uma apaixonante reflexão sobre o ser humano.
(PUPO, 1991)

Aos meus queridos pais João da Silva Brito e Sidália Gomes de Brito e a todos os familiares. Aos amigos e colegas de turma pela força e apoio ao longo dessa caminhada. Aos professores que ao longo dessa caminhada enriqueceram meus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Supremo pelo consentimento da vida e pela oportunidade de poder vivenciar esse processo, por iluminar meus passos a cada dia.

Aos meus familiares pelo o apoio e incentivo nas horas de desânimo, em especial a minha amada mãe Sidália, que quando as palavras faltaram sua oração e carinhos me fizeram prosseguir;

A minha amada irmã Noeme Gomes de Brito que tanto contribui na organização e elaboração desse trabalho;

Ao estimado colega Heliomar Nunes da Silva pela disposição e ajuda de todas as horas;

A amiga Maria Graciete de Lima Bezerra pela ajuda e espaço concedido para estágios;

Ao professor presencial Uilians Correia Costa pelo carinho e eficiência;

A querida amiga Francisca Nonata de Souza Lima, pelos incentivos e confiança de todas as horas;

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram na realização desse trabalho.

RESUMO

A pesquisa Jogos Teatrais: um procedimento metodológico para as artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental aborda a importância da arte em suas especificidades para a educação. Também faz uma análise do Teatro como campo de conhecimento e ensino capaz de auxiliar as crianças em seu aprimoramento e desenvolvimento de habilidades. Durante a abordagem a autora destaca os jogos teatrais como grande aliado para desenvolver e estimular a criatividade dos alunos. Jogos estes, baseados nas propostas de Viola Spolin.

Palavras-chaves: Arte, jogos teatrais e criatividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1- CONSIDERAÇÕES OU APONTAMENTOS SOBRE A FUNÇÃO DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
1.1 - A aplicação do ensino das Artes na escola Corazita Negreiros.	15
1.2 - A especificidade do teatro no ensino infantil.	17
2- ENSINO DE TEATRO COMO METODO DE ESTÍMULO A CRIATIVIDADE DAS CRIANÇAS	21
2.1- A criança como ser brincante	23
2.2 - Os jogos teatrais como possibilidade metodológica	24
2.3 - Aplicações da metodologia levantada	27
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Jogos Teatrais: um procedimento metodológico para as artes no Ensino Fundamental.

A pesquisa “Jogos teatrais: um procedimento metodológico para as artes no Ensino fundamental” pretende investigar de que modo os jogos teatrais podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade. Sendo assim, os jogos teatrais se apresentam como um recurso metodológico capaz de desenvolver esse elemento, além de desenvolver o senso crítico dos educandos que é um dos grandes desafios da educação nos dias contemporâneos.

Nesse sentido, a meta é analisar a abordagem sobre a arte teatral, especialmente sobre os jogos teatrais propostos por Viola Spolin, no contexto da Educação Infantil, tendo como foco principal o estímulo à criatividade, sobretudo como uma ferramenta propulsora e incentivadora do aprendizado. Além de refletir sobre a utilização dos jogos como forma de comunicação e expressão.

Assim para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada como campo de observação e coleta de dados a escola de ensino fundamental dos anos iniciais Corazita Negreiro, localizada na periferia da cidade de Cruzeiro do Sul no estado Acre, tendo como sujeitos crianças de baixa renda econômica com faixa etária que varia de 05 a 07 anos de idade.

Os alunos da referida escola, em sua maioria, não dispõem de incentivo dos pais para o envolvimento nas aulas de Artes, disciplina que os pais consideram pouco importantes e, portanto, só participam com o intuito de obter notas ou simplesmente se divertir naquele momento, como uma forma de fugir da rotina escolar.

A designação dessa escola para o desenvolvimento da pesquisa é derivada da relação de gratidão e reconhecimento por ser esta à instituição onde iniciei minha caminhada de estudos no ano de 1994. Sendo também o espaço onde realizei a maioria dos estágios propostos durante esta graduação. Constituindo assim, uma forma de dar um retorno à escola que sempre contribuiu para o meu aprendizado.

Dessa forma, os jogos teatrais se configuram como uma abordagem metodológica capaz de modificar a forma de reflexão, raciocínio, criatividade e diálogo, proporcionando um entrosamento maior entre professores e alunos, capacitando-os, assim para uma postura crítica e autônoma dentro do processo de ensino. Essa vivência dos jogos teatrais em sala de aula leva as crianças ao aprimoramento da criatividade, solidariedade, criticidade e autonomia frente ao aprendizado das artes. Nesse processo o aluno é tratado como centro de seu aprendizado, como frisa Spolin:

Os jogos teatrais podem trazer o frescor e vitalidade para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempo do currículo, mas sim como complementos para a aprendizagem escolar ampliando a consciência de problemas e ideias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (2007, p. 29).

Nesta perspectiva, cabe ao professor a busca incansável de alternativas para o envolvimento e aprendizagem dos educandos nesse processo. Pois os jogos teatrais contribuem para a construção de seres humanos mais conscientes, mais aptos para encarar os desafios da vida. Há autores que afirmam que os jogos vão além do ensino, como Koudela, que diz:

O objetivo principal do jogo com o modelo de ação não é levar o aluno a aprender um conteúdo específico, mas sim ensinar/aprender o jogo dialético do raciocínio, como participante de um processo de conhecimento sensório- corporal. (KOUDELA, 2008).

Assim, reconhecendo que a realidade da cidade de Cruzeiro do Sul com relação ao desenvolvimento da arte teatral no âmbito educacional é bastante precária, pois são poucas as atividades práticas utilizadas nas aulas de artes, limitando-se apenas a representações em datas comemorativas, faz-se necessário buscar metodologias que auxiliem o professor na construção do processo de ensino de forma mais dinâmica e consciente.

Essa realidade levanta as seguintes questões: De que forma os jogos podem auxiliar no processo de ensino das artes? E ainda como eles podem auxiliar na formação de cidadãos ativos e críticos na sociedade?

Acredita-se que esse problema pode ser amenizado a partir da relação entre a escola e o aluno, na qual professor e aluno possam manter um diálogo constante, respeitando as

diferenças e limitações de cada um. Além disso, deve-se propiciar um ambiente capaz de preparar o aluno para o desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades.

Assim esta pesquisa está estruturada com a aplicação de oficinas onde serão utilizados jogos de Viola Spolin, precursora do sistema dos jogos teatrais, uma vez que compreende o comportamento das crianças, frente às propostas das atividades desenvolvidas.

As crianças envolvidas neste processo, como são características dessa fase, são muito ativas e energéticas e gostam muito de brincar. Esse espírito do “ser brincante” tem que ser cultivado e ao mesmo tempo ser estimulado para o desenvolvimento de ações mais consistentes e eficazes para o aprendizado.

Assim, o primeiro capítulo se debruçará, sobre a “função do ensino das Artes no ensino fundamental”, fazendo uma análise geral sobre a importância da Arte em suas especificidades neste contexto de ensino o que encaminhará a pesquisa para uma abordagem sobre a “Aplicação do ensino das Artes na escola onde foi realizada a pesquisa”, sendo assim uma forma de conhecer sobre a realidade e posição que ocupa o ensino das Artes neste espaço.

Nesse primeiro capítulo ainda será debatido sobre “A especificidade do Teatro no ensino Infantil”, como uma forma de demonstrar o quanto esta área de ensino tem seus próprios mecanismos, aliás, bem específicos e determinantes para o desenvolvimento de habilidades e aprendizado.

Assim, o segundo capítulo se conduzirá para uma análise do “teatro como método de ensino incentivador da criatividade das crianças”. Abordando ainda a tendência que estas têm para se envolver nos jogos e brincadeiras, intitulada como a “a criança brincante”.

Dentre os recursos para se trabalhar teatro nas escolas pode-se contar com os jogos teatrais, dessa forma esse segundo capítulo também se conduzirá para uma análise do jogo teatral como metodologia de ensino, ou seja, de que forma se podem trabalhar jogos com essas crianças participantes do processo. Nessa direção, se discorrerá sobre os jogos teatrais como um importante aliado, que fornece recursos e atividades que têm a capacidade de desenvolver e estimular habilidades de criação, de interação entre os envolvidos, na qual se

pode perceber e diagnosticar ações, personalidades e posturas diferentes sobre determinadas situações ou assuntos.

Neste capítulo, ainda serão expostos os resultados obtidos com a aplicação da oficina e as experiências adquiridas ao longo do processo para evidenciar o que foi produtivo. Em seguida serão apresentados os desdobramentos ou o surgimento de situações e novas descobertas com essa prática dos jogos teatrais.

É um trabalho que visa propor alternativa de aplicação dos jogos teatrais, como uma ferramenta tanto para auxiliar na aprendizagem e também na construção da liberdade criativa e consciente das crianças.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES OU APONTAMENTOS SOBRE A FUNÇÃO DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

A educação brasileira durante toda sua trajetória histórica tem passado por modificações constantes. Os sistemas e mecanismos políticos de gestões educacionais fundamentam e incorporam a metodologia de ensino no país. O ensino de artes, assim como os demais, tem sentido essas mudanças, principalmente por se tratar de um pensamento muito recente na grade curricular vigente. De acordo com Ricardo Japiassu:

O ensino de Artes foi legalizado no currículo escolar da educação básica através da Lei-4.024/61 (Lei de Diretrizes e Bases) mesmo não sendo obrigatório, seguiu um caminho de institucionalização no âmbito regular da educação brasileira, principalmente na área de teatro (JAPIASSU, 1991. p.60).

Mesmo assim, sofreu fortes censuras com a implantação do regime militar 1964, já que a arte faz parte da realidade e instiga as pessoas a refletirem e questionarem seus modos de vida e conceitos, assim acabava se transformando numa ameaça ao poderio da época. Assim, algumas escolas foram fechadas por ordem ditatorial. Segundo Frederico Bernardo Chaves:

Nesse contexto, durante o regime militar, em 1972, uma nova, Lei nº 5.692/71 de Diretrizes e Bases, foi aprovada, tornando os conteúdos do ensino da arte obrigatórios e criou-se uma nomenclatura, que passou a ser então utilizada- educação artística. Nela, várias linguagens artísticas, como as Artes Visuais, o Teatro, a Música e a Dança foram agrupadas num único bloco de conteúdos a serem trabalhados de forma integral numa carga horária reduzida há apenas duas horas / aulas semanais. (CHAVES, 2011, p. 09)

As escolas foram surpreendidas com essa nova lei, pois até então não existia sequer cursos de formação para professores de Educação Artística. Para cumprir as exigências do MEC tiveram que preencher as vagas com profissionais de outras áreas, impedindo que o ensino de Artes crescesse com qualidade. Diante disso, essa Lei recebeu inúmeras críticas,

“entre estas está o paradoxo entre ela e as condições em que foi implantada” (KOUDELA, 2008, p.98).

Não é estranho que até hoje, no Brasil, a arte ainda seja tratada como uma disciplina escolar de pouca importância. Em oposição a esse pensar, Herbert Read afirma que a “a arte não deveria ser tratada como uma coisa exterior a ser inserida no esquema geral da educação” (READ, 1986, p.21). Para ele Arte e educação completam-se numa relação de troca e cumplicidade.

Nesse sentido, a presença da Arte se faz imprescindível dentro da educação, como um viés para o aprimoramento da criatividade, da originalidade, tanto quanto para estimular os sentidos e aumentar o poder cognitivo do aluno. São essas percepções que podem ser desenvolvidas através da arte em suas vertentes (Teatro, música, dança artes visuais, etc.). Já que essas áreas de ensino permitem trabalhar o lado sensitivo e corporal. Vemos nos PCNs-Arte que é papel da escola levar os alunos a refletir sobre a Arte como objeto de conhecimento. Em síntese o conhecimento da arte envolve:

- a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;
- a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos. (1997, p.32)

O contato do aluno com a arte permite o desenvolvimento de sua percepção, observação, imaginação, sensibilidade e criatividade, bem como a tomada de consciência do contexto social em que está inserido. Esta compreensão pode se dar mediante simples atividades artísticas: ilustrar, cantar, rabiscar, dançar, dramatizar, pintar e jogar. Além

disso, para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que as instituições utilizem metodologias e atividades que estimulem seu potencial. Atitudes como estas facilitam o aprendizado de modo pleno.

Embora não seja tão perceptível, a arte está intrínseca em todas as fases da nossa vida, estabelecendo um elo harmônico entre o sentir e o pensar. É justamente neste processo que a educação ocorre espontaneamente, transformando nossos atos. Na visão de Maria do Céu de Souza Sampaio “a arte é um modo de ver, conhecer, transformar e estar no mundo”. (SAMPAIO, 2006, p.25).

Nessa direção devem se considerar as múltiplas possibilidades artísticas de expressão do indivíduo, e para as suas perspectivas. Segundo Duarte Jr, a função primordial da arte consiste na valorização do sentimento interior:

A função primordial da Arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-lo e entendê-lo. É a formulação da chamada “experiência interior”, da “vida interior”, que é impossível atingir pelo pensamento discursivo, dado que suas formas são incomensuráveis como as formas da linguagem e de todos os seus derivativos (...). Creio que a vida do sentimento, não é racional; apenas as suas formas lógicas diferem muito da estrutura do discurso. Elas são, contudo tão semelhante às formas dinâmicas da arte que esta se constitui no seu símbolo natural. (1988, pg.84)

Assim, a função da Arte no Ensino Fundamental é propiciar às crianças envolvidas neste processo noções básicas sobre as possibilidades de ver e compreender os fatos e acontecimentos a sua volta. Em outros termos, possibilitar aos educandos usufruir outros experimentos em busca de aprendizado, já que a Arte é uma linguagem diferenciada, com objetivos e especificidades próprias.

O processo educativo não é unilateral: é uma troca. A aprendizagem precisa ser compreendida como um processo contínuo de motivação para aprender a aprender. O professor precisa ser mediador na construção do conhecimento, propondo um diálogo interativo em que os alunos percebam os benefícios da educação. Nessa perspectiva, a contextualização de qualquer atividade artística é importante para que a arte seja valorizada como componente curricular e deixe de ser simplesmente um mero instrumento de lazer e descontração nos momentos de folga das outras disciplinas.

E é justamente nessa abordagem diversificada que a educação tem que ser discutida, planejada e revisada, para que se possa conscientizar tanto docentes quanto alunos da importância que a arte assume em relação à sociedade, enquanto uma importante disciplina para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades, visando a uma melhor compreensão das coisas e fatos.

Desse modo, percebe-se que a arte se apresenta como uma ferramenta necessária na condução dos processos de formação da consciência humana. O estímulo à criatividade, à inovação e o relacionamento em grupos, através de expressões definidas e orientadas mostram-se capazes de mudar o cotidiano dos mesmos, tornando-os mais comunicativos e sensíveis às mudanças na sociedade em que vivem.

1.1 A Aplicação do Ensino das Artes na Escola Corazita Negreiro

A escola Municipal Corazita Negreiro é uma instituição de ensino que atende a aproximadamente 300 alunos, nos períodos da manhã e da tarde, correspondente a série iniciais do Ensino Fundamental. Localizada na Rua Pará no Bairro do Telegrafo nº 865, na cidade de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre.

O processo de ensino de Artes, nesta escola, assim como em todas as demais da rede de ensino municipal e estadual da cidade de Cruzeiro do Sul, é bastante precário, a começar pelo fato de que não existe professor formado nessa área de ensino. Essa afirmação, entretanto, abre uma exceção visto que atualmente já existem alguns professores formados pela UnB, no ano de 2011, mas ainda não estão atuando em sala de aula.

Assim, esse processo de ensino das artes é executado por professores polivalentes formados em áreas distintas. A ausência de professores formados em Artes poderia até ser menos desastrosa se os que se apropriam dessa área de ensino levassem em conta o potencial transformador e criador que pode ser propiciado através da arte.

Percebe-se nesta instituição que basicamente tudo se resume a criação livre de desenhos e a pintura. Atividades estas que na maioria das vezes, nem as crianças entendem porque fizeram tal desenho, muito menos as cores que utilizam ou qualquer outro

procedimento que justifiquem a sua criação. Analisando essa questão se constata que a utilização da arte especificamente nesta escola é tida como uma forma de fuga.

Esse fato pode até soar como algo sem muita importância visto que os que atuam em sala de aula não possuem uma formação adequada. Contudo, se for realmente analisar a fundo essa situação, verá que essa realidade é trágica, pois são atitudes como estas que mostram o quanto o ensino das artes é deficiente, daí se direciona para questões mais significativas e relevantes. De quem é a responsabilidade para que situações como estas relatadas acima continuem acontecendo dentro das escolas? Seria por causa do sistema? Dos governantes? Da estrutura que se estagnou na educação? E ainda do próprio professor? São questionamentos, cujas respostas se resumem na responsabilidade de todos.

A questão de que a aplicação do ensino da Arte, embora ocorra de forma inadequada, possa ser vista como um ponto positivo não basta, visto que o fazer pedagógico deve ser proposto de acordo com os avanços dos conhecimentos dessa área de estudos. A fragilidade no ensino da Arte pode acarretar problemas futuros maiores.

Fato que se tem percebido nas escolas como: a falta de comprometimento e a desvalorização desse campo de saber como um mecanismo de aprendizado e aquisição do conhecimento. Isso pode ser visto na fala de Luiza Barreto Leite, “Desaconselhamos as montagens de peças rápidas, sem muito ensaio, que é nossa base teórica, somente feita para envaidecer de forma precipitada aos alunos e seus orientadores” (LEITE, 1980, p.29).

O depoimento da professora Maria José de Souza ¹que faz parte do corpo docente da escola, ao ser questionada como se dá o ensino das artes é preocupante. A resposta foi dada com franqueza: “quando os alunos estão cansados, ou quando a turma está muito agitada, ou ainda, quando não se tem nada pra fazer, a arte entra em cena”.

Essa falta de valorização do ensino das artes, por parte de quem deveria dar exemplo, demonstra a fragilidade dessa escola em compreender a dinâmica e o potencial das artes como forma de conhecimento e estímulo a criatividade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais “é importante que o aluno sinta no professor um aliado do seu processo de criação, um professor que quer que ele cresça, se desenvolva que se entusiasma

¹ Conversa informal realizada com a pesquisadora no dia 13 de Agosto de 2012.

quando seus alunos aprendem e que os anima a enfrentar os desafios do processo artístico”. (PCNs, 1997).

Conforme a pesquisa feita na referida escola e os conhecimentos sociais e educacionais adquiridos ao longo dessa graduação pôde se constatar uma realidade nada animadora sobre a prática artística. Por outro lado, por mais boa vontade que o professor tenha, ele não possui nenhuma capacitação com embasamento teórico e profissional sobre o dinamismo da Arte e suas estratégias de ensino. Isso muitas vezes leva o professor, que se arrisca nesta disciplina, a utilizar métodos nada satisfatórios em que o aprendiz pouco desenvolve a criatividade, a espontaneidade e a sensibilidade, uma vez que é aplicada de forma superficial. E as aulas estão basicamente voltadas para o ensino das artes visuais.

A esse respeito, Japiassu (2008) destaca “que as artes ainda não são contempladas sem a atenção necessária por parte dos responsáveis pela elaboração dos conteúdos programáticos de cursos para formação de professores alfabetizadores e das propostas curriculares para a educação e o ensino fundamental”. (JAPIASSU, 2008, p. 23).

Esta realidade só ressalta o despreparo e a falta de capacitação de pessoas sobre o universo artístico, que poderia utilizar em suas aulas inúmeras atividades para despertar e promover a criatividade do aprendiz, como: a leitura de textos, a dramatização, a criação de cenas e não se resumir a pintura. Neste sentido, percebo claramente a precariedade artística, pois praticamente não há incentivo ou ressalva para a prática teatral, exceto nas datas comemorativas (dia dos pais, dia das mães e etc.).

Com base em tudo que foi exposto, paira a dúvida se um dia esse quadro irá mudar. E resta a pergunta sobre qual a razão de tanto desprezo sobre a importância artística e o seu papel transformador da sociedade. É preciso questionar quanto tempo mais será necessário para se alcançar o mesmo nível de valorização e incentivo das demais disciplinas curriculares regidas na escola.

1.2 A Especificidade do Teatro no Ensino Infantil

A sociedade brasileira vem avançando significativamente no que diz respeito aos direitos da criança, pois é evidente que é nessa fase da vida que o indivíduo requer um cuidado todo especial por parte de todos: Estado, família, escola e comunidade. Essa

proposição envolve sua formação global, ou seja, seu desenvolvimento físico, social, emocional e intelectual.

No contexto atual da Educação Infantil essa temática também constitui um tema de grande relevância, contando com documentos importantes. Entre estes há as Diretrizes Curriculares Nacionais que traça alguns fundamentos norteadores para as propostas pedagógicas das instituições e um deles é: Princípios estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais (Art.3º da Revolução nº 01/99 CNE *Apud* Souza, 2006, p.57).

Essa valorização do lúdico e de atividades artísticas no ensino infantil acabou elegendo o teatro como parceiro estimulador do processo de aprendizagem. A esse respeito, Mafra Gagliardi afirma:

[...] estimulamos as crianças, por intermédio de atividades lúdicas e técnicas pictóricas, a reelaborarem criativamente cenas, objetos e personagens do espetáculo a que acabaram de assistir. As proposições/estímulos formulados pelos mediadores variam, a cada vez, em função do espetáculo escolhido: por exemplo, damos às crianças pequenas teatros feitos com caixas de papelão, com os quais brincam, colocando nelas personagens ou objetos de cenografia que desenham, reconstruindo, assim, *in micro*, o espaço tridimensional da cena. Ou fazemos com que ouçam o registro da música que acompanhou o espetáculo e as incitamos a desenhar livremente, sobre grandes tiras de papel, as sugestões que lhe ocorrem. [...] (GAGLIARDI, 1998, p. 71)

Assim, percebe-se que o uso de simples atividades dentro da escola que levem as crianças a criar, vivenciar, representar algo, torna-se um meio de facilitar seu aprendizado.

A Arte tem suas especificidades que permitem aos seus participantes o desenvolvimento de sua percepção, observação, imaginação, sensibilidade e criatividade, bem como a tomada de consciência do mundo em que está inserido.

Dentre as especificidades capazes de desenvolver essas habilidades, destaca-se o Teatro. Segundo os PCNs, a experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambiguidade (1997, pg. 88). Isso deriva do fato de que através das atividades de representação, criação de cenas, do jogo o indivíduo compartilha experiência com o outro.

Sabendo da importância do ensino de teatro no âmbito educacional como ferramenta de aprendizado, capaz de desenvolver a criatividade da criança como um ser ativo, construtivo e coletivo, faz-se necessário utilizar recursos e metodologias que estimulem a prática de atividades não só recreativas, mas também de aprendizado e crescimento. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

“O teatro no ensino fundamental proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança sobre vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano do coletivo, o teatro oferece, por ser uma atividade grupal, exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção”. (PCN-ARTES, 1997, p.84).

Mediante essa frase, verifica-se que o teatro na esfera educacional trabalha o indivíduo como um todo, tanto o corpo, a mente, a imaginação, tentando extrair ou estimular suas ações de modo que este se sinta conhecedor de seus potenciais. Assim, por meio da linguagem teatral, os alunos podem expressar-se de forma lúdica, construindo cenas e desenvolvendo a percepção sobre si mesmos, seus colegas e sobre situações do cotidiano.

O interesse pela presença do Teatro nas instituições educacionais como aliado da Pedagogia abre espaço para a ampliação do campo de visão de muitos profissionais da educação, uma vez que não tem a preocupação de formar artistas, mas sim, aproximar e promover a comunicação entre a escola e o aluno, entre o professor e o aluno, bem como entre os próprios alunos (ZÓBOLI, 1999, p. 55). O Teatro, além de ajudar na aprendizagem, também abre espaço para que as pessoas se sintam mais dinâmicas e comunicativas.

Cabe ressaltar ainda, a busca do desenvolvimento criativo do aluno, como ser emissor e receptor da comunicação teatral e que precisa ser estimulado ao desenvolvimento de suas habilidades e potenciais. Na visão de Ingrid Koudela:

O teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação. A representação ativa integra processos individuais, possibilitando a ampliação do conhecimento da realidade (1998, p. 78).

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais /Arte (BRASIL, 1998), a aprendizagem da Linguagem Teatral favorece aos jovens o estabelecimento de relações com o coletivo, ao permitir a observação de diversos pontos de vista sobre determinada situação, promovendo o seu desenvolvimento cultural.

Deve ser lembrado, ainda, que todas as atividades teatrais no processo educacional têm a função de formar o aluno em todos seus aspectos, partindo da interação, da relação criativa e transformadora que lhes é estimulada por esse tipo de ensino. As práticas teatrais realizadas pelos estudantes surgem como mecanismo crucial no processo de formação conceitual e crescimento pessoal frente às barreiras impostas pela sociedade em que vivem.

CAPITULO 2 – O ENSINO DE TEATRO COMO MÉTODO DE ESTÍMULO A CRIATIVIDADE DAS CRIANÇAS

Como já foi abordado acima, o teatro pode se constituir em um importante aliado, com forte influência no processo educacional, visto que é uma área de conhecimento de grande relevância significativa no desenvolvimento da expressão artística e da criatividade das crianças, oferecendo possibilidades de percepção e aptidão de sua identidade como ser criador. Segundo Maria Clara Machado “Criar é uma atividade permanente que não dá diploma, mas, uma sensação de constante caminhar para uma plenitude de existência” (MACHADO, 1981).

Para compreender melhor esse universo de capacidades exploradas através do ensino do Teatro, faz-se necessária uma conceituação do termo criatividade. Entre os vários existentes utilizaremos a definição de Zóboli que contempla toda nossa expectativa frente ao que estamos propondo nessa abordagem:

A criatividade se constitui num processo mental e emocional que conduz o indivíduo a exprimir uma ideia original ou a produzir coisas novas. Trata-se de um comportamento produtivo, construtivo que se manifesta através de ações, realizações ou contribuições do indivíduo. (ZÓBOLI, 1999, p.143)

Entretanto o conceito de criatividade, propriamente dito remete a um princípio bem mais simples para defini-lo. Essa afirmação consiste no fato de que, esta é inata à raça humana, conforme Maria do Céu de Souza Sampaio, característica da espécie, evidenciado nas suas ações cotidianas.

O ato de criar é inerente ao ser humano e pode ser desenvolvido em tudo o que ele produz no mundo, ou seja, só o fato do homem produzir cultura é suficiente para provar que o seu poder criativo está em todas as áreas do seu fazer e do seu conhecimento. (SAMPAIO, 2006, p. 30)

Realmente, o ato de criar é exclusivo do ser humano, mas pode ser mais ou menos desenvolvido dependendo do estímulo recebido na fase de formação da criança, para que possa enfrentar os problemas da nossa sociedade que está em constante mudança. Assim “A escola tem como um de seus objetivos, desenvolver a criatividade ou o espírito criador, pois

este é importante para o desenvolvimento integral da personalidade do educando” (ZÓBOLI, 1999, p.143).

Tais objetivos serão contemplados a partir do instante em que educação ofereça nos primeiros anos, oportunidades de viver o imaginário de cada criança, respeitando seu saber e suas experiências. Na visão de Zóboli:

A educação só tem valor real na medida em que desenvolver a criatividade no educando, para que ele possa enfrentar as situações mais variadas da vida cotidiana, bem como desenvolver o seu poder de criação artístico e intelectual (1999, p.144).

Levando em conta o papel da escola, percebe-se que há uma ligação direta entre a Arte e a criatividade, conforme afirma Miriam Celeste Martins:

Quando se fala em educação artística, ou em arte, a ligação com a criatividade é feita imediatamente. Essa palavra é hoje muitíssimo valorizada porque se percebeu que o indivíduo criativo consegue encontrar sempre novas soluções, percebe melhor o seu mundo, gera novas situações, é mais consciente, vive mais intensamente, é mais feliz. (MARTINS, 1996, p.24).

Essa ligação se caracteriza pelo fato de que é através da arte, que o ser humano consegue expor seus sentimentos, suas emoções e imaginação, por meio de um desenho, um movimento, um gesto. A criança educada nesse tipo de ambiente rico em descobertas vive espontaneamente, sem medo dos desafios.

Baseado nos estudos realizados, a psicologia tem mostrado que as atividades criativas garantem as crianças um avanço em todos os seus aspectos, gerando maior confiança, nelas mesmas. A contribuição da criatividade no ensino do Teatro consiste no entendimento mais aprofundado do comportamento criativo, relacionado ao fator cognitivo e emocional dos indivíduos.

Nessa perspectiva, buscam-se técnicas de ensino com o intuito de potencializar nosso aluno na descoberta de seu corpo como elemento criativo. Uma das possibilidades mais utilizadas é a dramintegração (BIANCHI, 1984), tendo por base movimentos livres onde cada um realiza seus gestos, sua forma de olhar, levantar, deitar, participar e, outros.

Esta tática além propiciar momentos de aprendizagem, permite a oportunidade de criar, reinventar. Nesse sentido concorda-se plenamente com as palavras de Fayga Ostrower “Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo o seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver, para a criança” (OSTROWER, 2008, p. 127).

Nas aulas de Teatro, onde o educador tenta fazer um bom trabalho dinamizado os próprios alunos adaptam peças a partir de histórias lidas, produções livres. Nesse processo “O elemento primordial do trabalho teatral é a criação, a relação criativa, criadora e transformadora, também presente, de outra maneira, na educação (SAMPALIO, 2006, p. 147)”.

Está cada dia mais evidente o papel importantíssimo do professor no processo de ensino aprendizagem, frisando esse pensamento o pesquisador científico e produtor de conhecimento Augusto Cury no seu livro “As dez leis da qualidade de vida dos professores e pais” coloca como terceira lei “o impulsionar a criatividade”, pois para ele:

Impulsionar a criatividade é uma grande lei da qualidade de vida de um educador, pois uma mente entediada, encarcerada pela rotina, portanto, não incentiva é incapaz de nutrir sua história com liberdade, sabor e aventura. Essa lei se complementa com todas as outras. Ela nos permite trilharmos novos caminhos, ousar, propor novas ideias, refinar o deleite de aprender e nos transformar em atores principais de nova peça existencial. (CURY, 2012. p 36)

Nesse caminhar, devemos considerar as múltiplas possibilidades de expressão que tem o indivíduo. Ao utilizar essa metodologia o educador contribui para a ampliação de variadas percepções, inclusive da expressão cênica. Além do mais, o teatro permite e amplia o sentido da vida.

2.1 A Criança como ser Brincante

Brincar e jogar são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual e sempre estiveram presentes em qualquer povo desde os mais remotos tempos,

desempenhando um papel importante para o desenvolvimento das crianças em vários sentidos. Assim, na visão de Nylse Helena Silva Cunha temos: “Através deles, a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a autoestima, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor (CUNHA, 2001)”.

As brincadeiras infantis, que algumas vezes são consideradas bobas e inúteis para a maioria dos adultos são, na verdade, algo extremamente sério e importante, pois além de ser prazeroso, desenvolve seu senso crítico e sua capacidade de criar.

O professor se torna uma parte fundamental para o despertar dessas atitudes, como bem enfatizou Ana Paula Martinez: “no processo educacional infantil, o papel do professor é essencialmente importante, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento”. (MARTINEZ, 2002, 2003 e 2006).

Além das brincadeiras e jogos servirem como forma de superação e crescimento, cujos focos são o aperfeiçoamento e o aprendizado, sem disputa ou competição. Os jogos também abordam a questão de superação e crescimento e o conhecimento das habilidades corporal e intelectual, abrindo horizontes para um progresso maior na vida de cada criança.

Portanto, as brincadeiras e os jogos produzem efeitos extraordinários para o crescimento social e individual e por ser esse um dos requisitos da educação, as brincadeiras se tornam uma importante ferramenta, questão esta que é ressaltada no Referencial Curricular Nacional para a educação infantil que diz que o educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas. (1998, p, 23).

2.2 Jogos Teatrais como Possibilidade Metodológica

A sociedade vive em um sistema cada vez mais evolutivo, tecnológico e competitivo, em consequência disso somos diariamente bombardeados com todos os tipos de informações, produtos e objetos. Modificando, assim, a forma de pensar, agir, viver e também de educar.

Voltada para essa questão, à escola já não pode mais apenas abordar conteúdos de forma aleatória, mas sim buscar novas formas de ensino. Com isso, os mesmos têm que inovar, como bem afirma Tânia Dias Queiroz:

“os educadores estão desafiados a mudar e a inovar. Inovar com o intuito de atender as expectativas da atual sociedade. Mudar para adquirir novas técnicas metodológicas capazes de transformarem o espaço-escola do aprendiz em algo dinâmico, significativo e participativo...” (QUEIROZ, 2001, pg. 5).

Nesse sentido, a educação tem que manusear novas metodologias de ensino capazes de atender ou tentar desenvolver o aluno como um todo. Como um ser dotado de características e necessidades próprias. Essas perspectivas podem ser concretizadas por intermédio da aplicação de jogos, que são ferramentas que possuem uma diversidade de ações, posturas e comportamentos, o que proporcionará o desenvolvimento corporal, mental, reflexivo, e criativo.

Então trabalhar os jogos dentro do ambiente educacional é uma forma riquíssima de aprendizado. Uma vez que os jogos, especificamente os jogos teatrais são capazes de efeitos grandiosos, com linguagem própria. Segundo Viola Spolin

Os jogos teatrais podem trazer o frescor e vitalidade para a sala de aula. As Oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempo do currículo, mas sim como complementos para aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e ideias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (SPOLIN, 2007, p. 29).

Os jogos teatrais possuem uma dimensão muito abrangente em sua aplicação, podendo ser utilizados em vários contextos social, cultural, educacional e principalmente na arte teatral, sendo, portanto capazes de promover diversas atividades lúdicas, na tentativa de proporcionar novas formas de fazer e assistir um espetáculo. Bem como de novas descobertas, emoções e aprendizados. Nesta perspectiva, os jogos conforme Johan Huizinga são:

(...) uma atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. Em sua qualidade de distensão regularmente verificada, ele se

torna um acompanhamento, um complemento e, em última análise, uma parte integrante da vida em geral... (2000, p. 12).

A aplicação dos jogos teatrais dentro do meio educacional constitui-se em uma importante ferramenta didática capaz de proporcionar aos alunos o melhor desenvolvimento de suas habilidades corporais, psíquicas, possibilitando o melhor entrosamento entre alunos e professores, abrindo assim espaço para diálogo, reflexão, raciocínio e criatividade. Pelo que se percebe, os jogos não buscam a superação com relação aos outros indivíduos, mas a superação de cada um, daquilo que você é capaz de fazer, construir. E o mais importante, une as pessoas num mesmo patamar de envolvimento, onde cada um participa e descobre suas próprias emoções.

Percebe-se com isso que o jogo teatral consegue desenvolver habilidades de forma a trabalhar o aluno como todo, quebrando assim os paradigmas de que os jogos são algo sem fundamento, ou seja, sem conteúdo, mas apenas uma forma de diversão e entretenimento. O que não deixa de ser, entretanto ocupa um lugar mais importante na esfera do conhecimento.

Através dos jogos, podemos desenvolver a movimentação, a gestualidade, a expressão corporal e facial, vozes e umas infinidades de benefícios e atitudes que são permitidas por intermédio dos jogos. De certo modo, eles aprimoram certas habilidades, pois desde cedo cada um, em alguma circunstância teve acesso a jogos, sejam através de brincadeiras, danças e outros mecanismos e, portanto, precisam ser estimulados.

Um fator interessante que permeia os jogos teatrais é que não existe uma regra pré-definida de atitudes e emoções, mas cada um que participa seguindo as regras do jogo desenvolve seu potencial criativo, imaginário e principalmente corporal distinto dos demais, é uma descoberta e emoção que é exclusiva de cada um.

Se quisermos seres humanos mais dispostos, criativos, dinâmicos, sociais, temos que usar metodologias que os instiguem a participar, observar, interagir com os demais. E os jogos teatrais tem essa capacidade de aprendizado e crescimento. Valem frisar que não são os jogos, especialmente os teatrais, os solucionadores dos problemas educacionais e sociais, pois isto já está em outro patamar que no momento não vale questionamento.

Mais eles podem auxiliar, quando aplicados dentro de um contexto, com regras definidas, com propósito estabelecido, para uma educação voltada para a formação de cidadão consciente e transformador do seu papel, capaz de resolver situações do cotidiano. “qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado” (SPOLIN, 1992, p.5).

Destaca-se ainda, que os jogos teatrais possuem sua própria linguagem de modo a alcançar cada um em sua essência, tornando as pessoas mais aptas, ágeis e flexíveis para enfrentar as situações do cotidiano e principalmente a se sentirem livres e felizes.

Assim a aplicação dos jogos teatrais baseado nas ideias de Viola Spolin, é capaz de dinamizar e transformar a forma de ensino e diversão, abrindo dessa forma novos horizontes. O que é decorrente do enorme potencial transformador que os jogos, proporcionam em seus participantes, seja na descoberta de novas emoções, ou simplesmente o desenvolvimento corporal e criativo.

Diante de um mundo tão competitivo, essa tática de não competir é o que mais encanta, pois segundo Viola Spolin cada participante tem que agir, sem pressão, sem querer ser mais, ou melhor, do que o outro, pois assim este conseguirá desenvolver seu potencial e usufruir de forma satisfatória a suas emoções e habilidades.

Dessa forma, os jogos são tidos como uma ferramenta muito importante para o aprimoramento da sensibilidade, da percepção e da criação. Uma vez que por intermédio destes, os alunos são levados a descobrir seu potencial.

2.3 Aplicações da Metodologia Levantada

Baseado nessas ideias descrito acima se elaborou a oficina na tentativa de compreender mais detalhadamente o papel dos jogos teatrais como um instrumento metodológico no processo educacional como uma ferramenta propulsora da criatividade. Mediante isso iniciei a minha atividade com os alunos do segundo ano no dia 6 de setembro que se estendeu até o dia 19 de Outubro, com 20 horas aulas. Antes mesmo desse período já tinha entrando em contato com o grupo, analisando e observando, para interagir e conhecer melhor o grupo participante.

A turma era composta por vinte e um alunos, sendo que pude contar assiduamente com apenas dez alunos, a maioria formada por meninas. Essa limitação de alunos se caracterizou pelo fato de eu ter ministrado a oficina nos últimos horários de uma sexta feira. Os alunos eram livres para escolher se ficavam ou não e como já foi dito durante esse trabalho, a Arte especialmente a teatral, ainda não tem a sua devida valorização nessa escola. Mas a quantidade não foi um problema, pelo contrario até que foi positivo, visto que ainda não tenho muita experiência como professora, exceto nos estágios realizados durante o curso de Licenciatura em Artes Cênicas.

As atividades expostas a seguir não se resumem a única atividade desenvolvida durante esse período de aplicação da oficina, mas sim ao registro daquelas que se destacaram, ou seja, aquelas que segundo a pesquisadora mais evidenciaram pontos de análise e contribuição para essa pesquisa.

Para iniciar esse trabalho, primeiramente questionei-os sobre a concepção que tinham sobre teatro. As respostas foram as mais variadas possíveis, sendo inclusive relacionada à televisão (novelas), como imitação. Ainda os questionei se faziam teatro, se gostavam dessa arte. Diante disso, expliquei em resumidas palavras o que era teatro. Em seguida expliquei sobre as propostas do que iria ser desenvolvidos na oficina, onde todos atentamente prestaram a devida atenção. Neste dia, houve apenas a aplicação de exercícios de aquecimentos, trabalhando a desenvoltura corporal e a flexibilidade e já foi possível diagnosticar que as coisas iriam seguir um ritmo lento.

Primeiro jogo:

Foi solicitado aos alunos que, em circulo, se apresentassem individualmente, dizendo o nome e criando um gesto, que deveria ser repetido pelos demais colegas, assim todos sucessivamente se apresentariam e criariam seus gestos. Esse exercício tem como objetivo verificar a criatividade e também manter a socialização entre os envolvidos, servindo como quebra gelo. Apesar de ser um grupo que já tem um contato há algum tempo, percebi que existia uma inibição, acanhamento e demorou alguns minutos para o desenvolvimento desse exercício, já que depois da explicação tinha deixado a critério para que alguém tomasse a iniciativa.

Pois tinha como intuito ver a criação, sem expor algum exemplo para ser seguido. Confesso que neste primeiro momento não funcionou, então para ajudar expus algumas sugestões como, por exemplo: imagine que- neste caso indiquei o aluno que iria iniciar- vai se apresentar a um rei, ou ainda quer dizer em gesto o que você é, como está se sentindo, assim, fui colocando fatos e situações para que os mesmos pudessem ir entrando na dinâmica do jogo. A partir daí, as coisas já começaram a melhorar e um, a um, gesticulou algo. Mas percebi que embora os alunos estivessem participando das atividades, eles pareciam distantes.



Figura 01: alunos repetindo gestos criados por um colega

Segundo jogo - Caminhada pelo espaço

Objetivo: concentração e expressão.

Descrição: os jogadores caminham aleatoriamente pelo espaço, e ao comando do facilitador executam determinadas ações, como por exemplo: imaginar que carrega um peso, que o ambiente está frio, quente e muitas outras ações. Nessa atividade tudo transcorreu de modo muito satisfatório, apesar da recusa de alguns alunos em não querer participar. Os que se dispuseram a participar conseguiram captar com muita facilidade o

foco desse jogo e criaram gestos e movimentos interessantes e criativos, apenas a questão de respeitar o espaço um do outro não surtiu muito efeito, pois de vez em quando, embora eu os orientasse sobre respeitar o limite de cada um, acabavam por “invadir”. Aos que não quiseram participar, propus que conduzissem os colegas pelo espaço, dizendo ações para que eles pudessem realizar. Neste exercício foi perceptível que, além da percepção sensorial proposta por Spolin, há outro fator que pode se diagnosticar com esse jogo que é a questão do ritmo. Isso se caracteriza pelo fato que à medida que o orientador vai propondo mudanças de ações, alguns mudam rapidamente, enquanto outros são mais lentos, passivos para se adequar a nova situação, que é o que exatamente pode se constatar na figura abaixo. Daí a importância do orientador propor ações que contenha uma conexão com o que está sendo proposto aos alunos/jogadores.



Figura 02- aplicação do jogo caminhada pelo espaço.

Terceiro jogo:

Aplicação do jogo: Conduzindo com o dedo. Objetivo desse jogo é a concentração, a postura e criatividade. Nesse exercício, a turma é dividida em dupla e em comum acordo as duplas decidem quem será o primeiro a conduzir e quem será o conduzido depois se investem o papel. Com o dedo indicador, quem está conduzindo tem que promover movimentos e ações diversas que tem que ser seguido pelo segundo.

Nesse jogo, percebi um problema além da inibição, a falta de concentração. Pois os alunos ficavam olhando para os demais jogadores, em vez de fixar sua atenção para o colega. E não houve uma exploração/criação de ações, muito menos do espaço, que é justamente o que se pode verificar na figura 03 em que estes estão em forma de fila. Sobre essa questão do espaço, posso afirmar que o erro foi meu, pois não deixei claro que eles podiam andar movimentar. Nessa questão, entra o fato enfatizado por Spolin da explicação de regras claras e as possibilidades sobre a condução do jogo.



Figura03: aplicação do jogo conduzindo com o dedo

Quarto jogo: Imitação de animais

Neste jogo cada jogador imita um animal e os demais tentam adivinhar de que animal se trata. Quem acerta, é o próximo a participar. Nesse jogo pode se trabalhar a questão da criatividade e a percepção, além da observação e também a relação de envolvimento entre plateia e ator. Na aplicação desse jogo, que aconteceu já na quinta aula, apesar da turma já está mais adaptada à proposta da oficina, sempre era um problema para alguém tomar a iniciativa. Embora tendo certeza que estes compreendiam perfeitamente a proposta do jogo, com isso tinha que primeiramente mostrar uma criação, e assim todos

resolviam participar. Contudo foi a atividade que mais evidenciou o espírito criador e imaginário dos alunos.



Figura 04 e 05: crianças imitando sapo e cachorro no jogo imitando animais

Quinto jogo: o espelho

Este jogo transcorreu após os exercícios de aquecimento, estes tem a função de relaxar, preparar os jogadores. Os alunos ao comando da pesquisadora são subdividido em grupo, onde um é o que comanda os movimentos e o outro é o espelho que reflete a ação desempenhada pelo primeiro. Esse jogo como expõe Spolin, “consiste no jogo de olhar-ver, sensibilidade, comunicação não verbal” de outro modo à cumplicidade entre os jogadores. Entretanto na aplicação desse jogo, pude observar outros aspectos como a criatividade e a sensibilidade. Neste jogo, aconteceram coisas interessantes e de certo modo fora do esperado. Depois da execução desse jogo, dispus espaço para que pudessem comentar sobre o que acharam dos jogos. E isso levou de certa forma a criação de conflitos entre os alunos, sendo que ficou evidenciado a postura da aluna Ingrid que disse que não tinha gostado do jogo, pois a colega “não repetiu o que ela tinha feito”. “Como resposta, Jamily disse que não fez, pois os gestos da colega eram sem graça”. Então questionei porque ela tinha achado isso, a mesma disse que ela (Ingrid) não escovou o dente direito, pois tinha usado o mesmo objeto tanto para pentear o cabelo, como para escovar o dente. Neste momento houve gargalhadas por toda a sala, prontamente a aluna Ingrid disse que a colega era um espelho, “e que espelho não tinha vontade, não sabia de nada”. Esse posicionamento acabou dividindo a turma. Diante dessa questão, percebi que o

posicionamento de ambas era válido e que como orientadora tinha que ajudar na resolução desse impasse. Então sugeri com todo cuidado que as duas alunas, refizessem a cena, tentando agora seguir a sugestão da colega. Primeiramente sugeri que a aluna Ingrid deixasse claro para a colega, os objetos imaginários que ela ia utilizar. Essa repetição foi surpreendente, a aluna Ingrid criou compassivamente cada detalhe, primeiro fez um gesto pegando um objeto e passando nos cabelos, em seguida soltou e recolheu outro objeto e depois escovou o dente. Enquanto isso, a aluna Jamily, seguia exatamente o que a colega fazia, agora sem nenhum receio. Pronto estava resolvida a questão.

Diante desse fato, percebi que as crianças entram no jogo colocando aspectos vivenciados do seu dia a dia. E mesmo que seja apenas uma representação, elas desejam que isso represente a realidade. Visto que os jogos teatrais facilitam o desenvolvimento da criatividade, pois através destes o aluno pode expressar livremente “os seus interesses, sentimentos, preocupações, ideias e ideais” (ZOBOLI, 1999, p.5) de maneira contundente e franca.

Conforme os jogos relatados a seguir pode se perceber que a pesquisadora tentou utilizar atividades que levassem as crianças ao aprimoramento do seu potencial criador.

Foi exatamente o que percebi nos relatos das crianças, após a aplicação dos jogos, onde quando questionado sobre o porquê daquela postura, de modo geral, elas frisavam que eram a forma como vivenciavam ou imaginavam.

CONCLUSÃO

Ao decidir desenvolver essa pesquisa, tinha como pretensão a busca de novas metodologias que de alguma forma contribuíssem para a melhoria da educação, em especial na Escola Municipal Corazita Negreiros, ou seja, a oferta de subsídios que viesse auxiliar, o professor no processo da construção da aprendizagem, através de ações espontâneas, criativas e conscientes, que é hoje um dos maiores desafios dos educadores. Acredito, portanto, na mudança de práticas pedagógicas a partir do conhecimento de novas formas de ensinar a Arte, especificamente o Teatro nas escolas, em geral.

O ensino de teatro nas escolas ainda se apresenta como meio para um fim, como uma maneira de chegar a um objetivo, sem levar em consideração o processo do ensino e o aprendizado dos alunos. Esse fato pode ser percebido, com certa facilidade, através da análise das práticas dos docentes em artes. A maioria deles se utiliza dessa linguagem artística para cumprir metas das coordenações da escola em calendários festivos, como: festas juninas; dia das mães; dia do mestre; etc. Dessa forma é imprescindível que a escola e educadores reconheçam o teatro como uma maneira de transformar e viver no mundo.

Para que esse processo possa atingir a excelência necessária, muitos obstáculos ainda devem ser superados, entre eles é possível pontuar: a qualificação dos profissionais; os salários dignos aos professores; as maiores investimentos; a tomada de consciência de cada um dos executores desta ação, que tem a missão de ensinar, mediado pelo ato de criar e inovar. Creio que não seja impossível utilizar métodos e técnicas para regar a criatividade e a espontaneidade dos alunos.

A utilização de jogos teatrais no cotidiano da sala de aula, desperta nos alunos / jogadores envolvidos nas atividades, o prazer de expressar-se, de participar, de criar algo imaginário, que só pode ser expresso através de sentimentos e sensações emotivas. A partir da pesquisa realizada constatou-se que as crianças que participaram das oficinas e jogos se mostraram mais ativas e desinibidas quanto à participação em trabalhos de grupo (inclusive em outras disciplinas); melhoria do convívio social tanto com colegas, quanto com os professores e gestores.

Por outro lado, os demais que optaram por manterem-se alheios as atividades, demonstraram mais rispidez, e menos desenvoltura e flexibilidade na comunicação e expressão de ideias. Dessa forma, a postura indisciplinada dos alunos leva a compreender que todo arte educador deve envolver e motivar os alunos nas práticas educativas. Uma linha de atuação de tais práticas são os jogos teatrais que têm como base principal fazer com que os alunos/jogadores possam compartilhar ideais e ação.

Com base no que foi discutido, sabe-se que a Arte tem suas especificidades, que permite aos seus participantes o desenvolvimento de sua percepção, observação, imaginação, sensibilidade e criatividade.

A aplicação dos jogos teatrais no âmbito educacional serve para propiciar o aumento da capacidade de dialogar, respeitar e refletir com os outros, ganhando importância vital na formação de seres ativos e construtivos, ou seja, contribui para o aprendizado global da criança. De tal modo, o convívio em grupo, as amizades construídas, os relacionamentos estabelecidos, as sensações experimentadas nas oficinas são fatores importantíssimos que podem enaltecer a importância de se trabalhar os jogos teatrais no contexto educacional.

Diante de tudo que foi relatado no decorrer desse processo, alguns resultados obtidos foram positivos, como por exemplo: a comunicação, a disposição para atividades, o desenvolvimento da criatividade e da criação, etc. Assim os dados confirmam que os jogos teatrais tem um papel importante para o desenvolvimento de habilidades e impressões, muitas vezes ignoradas pela escola. E que ainda, estes se apresentam como uma ferramenta eficaz, que pode auxiliar e mudar o panorama da educação artística, tornando essa em um grau de valorização cada vez maior na sociedade.

Os resultados alcançados foram pontuais para o confronto de ideais predeterminados e conceitos criados ao longo da educação escolar. Desenvolver pontos tão complexos como a questão da criatividade não é algo fácil, visto que a sociedade atual não aceita rompimentos e quebras de paradigmas que possam questionar o modelo de ensino ofertado. Faz-se necessário que como arte educadora possa buscar a melhor forma de extrair ou estimular o potencial de cada aluno. O uso de jogos teatrais, nesse contexto, se apresenta como uma alternativa para evidenciar cada atitude, criação, forma, gesto e ação desenvolvida, e, portanto, possa melhorar a percepção do estudante quanto aos problemas que os circundam.

Assim, é possível perceber que a pesquisa aplicada serviu para evidenciar as bases estudadas no decorrer da graduação e experimentar o dia a dia da docência no ensino público de nossa região. O sistema de ensino adotado pela Universidade não dá tempo para aprofundamentos e revisões literárias, fato que pode comprometer o desenvolvimento de atividades práticas, já que a carga de informações da escola se conflitua com a carga de trabalho imposta pela sociedade atual.

O tempo determinado para a prática da pesquisa é infinitamente curto, não permitindo o aprofundamento do aluno nas ideias e técnicas utilizadas. Jogos teatrais requerem práticas regulares de utilização dos exercícios. É preciso que tanto gestores e educadores, quanto a sociedade geral mude o pensamento sobre o ensino de Artes, abandonando conceitos, definições e metodologias já ultrapassadas por novas práticas e ideias que envolvam e atraiam o estudante para o convívio pacífico da escola.

Dessa forma essa pesquisa vem iniciar esse processo de mudança de paradigmas e expor novas alternativas para os docentes do quadro público da Secretaria de Educação do município de Cruzeiro do Sul, uma vez que contesta, contrapõe o modelo de ensino atual ao mesmo tempo em que orienta e apresenta alternativas de melhoria das aulas, a fim de torná-las mais atrativas e interativas.

Finalmente, espera-se ainda que este trabalho possa influenciar desdobramentos de pesquisas voltadas para essa questão dos jogos como uma prática metodológica de socialização e aprendizado, bem como um novo olhar para a prática teatral e um interesse maior por teatro na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Luiza Leite. **O teatro na educação artística**. Rio de Janeiro: Achiami, 1980.

BIANCHI, Thaís. **Seu corpo- sua historia: dramintegração, técnica sensibilizante**. São Paulo: Vozes, 1984.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de educação fundamental. - Brasília: MEC: SEF, 1998.

CHAVES, F. B. **Ensino de Teatro em Lusitânia: conflito e perspectivas**. 2011. 35 fls. Monografia- Instituto de Artes Cênicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

CUNHA N. H.S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 3 Ed. São Paulo. Vetor, 2001.

CURY, Augusto. **As dez leis da qualidade de vida de professores e pais**. São Paulo: Rideel, 2012.

DUARTE, JR. **O que é beleza**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GAGLIARDI, Mafra. **O teatro, a escola e o jovem espectador. Revista do curso de gestão de processos comunicacionais**. São Paulo, 1998.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento cultural**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

JAPIASSU, Ricardo Vaz Ottoni. **A linguagem teatral na escola: Pesquisa, docência e prática Pedagógica**. Ed. Papyrus, Campinas, São Paulo: 2007.

_____. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 7. Ed. Papirus. Campinas, São Paulo: 2008.

MACHADO, M. C. **Teatro na educação**. Extraído de Cadernos de Teatro, 52, 1, 6-10, 1972.

MARTINS, Mirian Celeste. **Temas e técnicas em artes plásticas**. 2. Ed. São Paulo, ECE, 1986.

MARTINEZ. A. P. **O papel da educação especial nas creches: Da prevenção à estimulação com atividades livres**. Revista Portuguesa de Psicologia; V. 121, 2007.

QUEIROZ, Tânia Dias. **Pedagogia de projetos interdisciplinares**. São Paulo. Editora Rideel, 2001.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4 ed. Traduzido por Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. [tradução Ingrid Dormien Koudela]. São Paulo: Perspectiva, 2008.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 23º Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

READ, Herbert Read. **A redenção do robô: meu encontro com educação através da Arte**. São Paulo: Summus, 1982.

SAMPAIO, Maria do Céu de Souza (coord.) **PROFORMAR/ Arte na educação infantil**. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2006.

URDIMENTO- **Revista de Estudo em Artes Cênicas**/ universidade de Santa Catarina. Programa de pós-graduação em teatro. Vol. 1 nº 10 Dezembro 2008.

ZOBOLI, Graziella. **Prática de ensino subsídios para a atividade docente**. São Paulo. Ática, 1999.